

OCCIDENTE

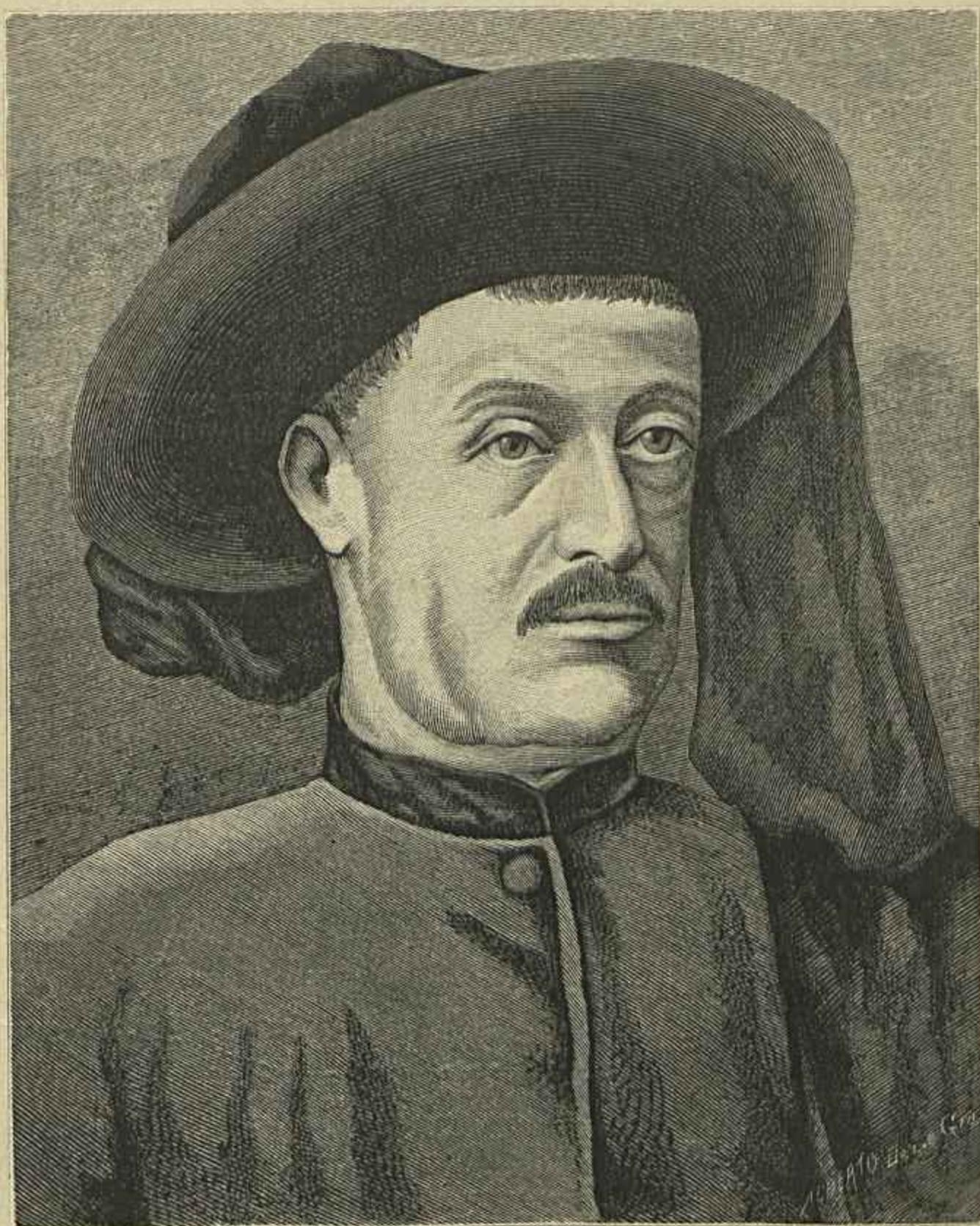
REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

17.º Anno

11 DE MARÇO DE 1894

XVII Volume — N.º 548

QUINTO CENTENARIO DO INFANTE D. HENRIQUE



O INFANTE D. HENRIQUE

RETRATO COPIADO, COM A CORRECÇÃO DEVIDA, DA MINIATURA DA CHRONICA DE AZUBARA
(Desenho e gravura de C. Alberto)

HENRIQUE O NAVEGADOR



Henrique, quando a historia faz delle menção, era de estatura grande, carnudo, e de membros grossos e fortes. Brandia a ambas as mãos o montante, envergava lesto

a armadura, conhecia a arte de bem cavalgar toda a sella. Assim, nos annos môços, muitos o admiraram em torneios e carrouseis, atirando ao estafermo, correndo *puntas*, galopando cavallos, jogando canas. Em taes lazeres, era alegre, dextro e volteiro. De aspecto sereno, cortez de linguagem, se encolerizado, tinha mui temeroso sobreceño: todavia a ninguem fazia injuria. Com estes predicados, bem se deixa ver que seria valente. Assim era; seu coração sempre ignorou o medo. Em Ceuta esteve combatendo sósinho horas inteiras. E, já o julgavam perdido, quando apparece roto e coberto de sangue, incendiados os olhos e as faces pelo vigor da luta, mas escoteiro, como se nada fosse. Um homem de tal braveza colheu logo fama em toda a christandade. Martinho V, os reis de Castella e da Inglaterra, o proprio imperador da Allemanha, convidaram-no, repetidas vezes, a tomar o commando de seus exercitos. Recusou.

Pois este varão de alentados esforços foi o primeiro do seu tempo; e direi a razão porquê. E' que a força phisica unia a força moral. Quem sonhar descrevel-o, áquelle heroe, não é bastante o indagar de sua educação e feitos; importa mais alguma cousa. Um homem não é de craveira gigantea, por ser bom fallador, bom dizidor, e bom batalhador. Na peninsula surdem, aos centos os bem fallantes, aos milhares os repentistas, que os valentes são todos. Só com isto não se entram os aditos da gloria; ou quando ahí se entra fica-se na galeria, enquanto só o protagonista vae ao proscenio. D. Henrique tinha falas de convencer, era apercebido nos azares da guerra, mas, foi a figura principal do seu tempo, porque, labaro dianteiro, soube comprehender, animar e cumprir as aspirações da terra que lhe foi berço, e as da humanidade, que elle honrou grandemente. Quando apparece na historia, as sociedades politicas da Europa estavam organisadas. As raças que tinham vindo da Asia, depois de ingente batalhar com as raças aborigenes, tambem aricas, haviam constituido as nações modernas. Já então, ao começar o seculo xv, existiam a França, a Hispanha, a Inglaterra, a Allemanha, enfim o mappa geographico, era, com pequenas differenças, o que é hoje.

Distinguiam-se as linguas; a noção da patria alvorejava nos poemas, nos romanceiros,

na propria arte, e nas constituições politicas. Succede, porém, que as raças, que tinham vindo da India, quizeram voltar á terra do Sol, ao berço de seus paes de onde tinham partido. Era esta a vaga aspiração dos povos á entrada do seculo xv. Já os Genovezes, já os Venezianos, já os Catalães e Flamengos, aqui e além, tinham desfraldado aos quatro ventos do espaço no tope dos mastreos de pequenos baixéis, suas bandeiras; e até mesmo os venezianos, por terra, tinham ido á Asia, abalando-se de Rhodes a Alexandria, logo ao Cairo, e depois em caravanas até as praias do mar Vermelho, atravessando para Cananor, na India. Foi tambem o que fez o nosso Pedro da Covilhã, que de lá regressou, em procura do Preste João, á Abissinia, onde, depois de trinta annos, morreu festejado e honrado pelo Negus. Mas não precipitemos os acontecimentos. Ao abrir do seculo xv, para a Europa, o continente negro era um misterio, a India o paiz desejado dos sonhos, as navegações além do Mediterraneo, viagens temerosas e temerarias, de que não havia regresso; era o desconhecido. Todavia os homens da Europa desejavam voltar á Asia. Já o tinham apprehendido nos seculos xii e xiii, indo lá armados em cruzada religiosa. Mas, a maior parte d'elles ficaram nos areaes da Syria; e os que escaparam, vieram contar á lareira feudal, aos filhos, as tristezas da sua aventura malograda. Agora, impelidos pelo atavismo da raça (pela fome dirão os economistas) desejavam lá voltar uma outra vez. Constrangia-os, porém, o Oceano Atlantico. Já tinham subido até á Irlanda, até ao Baltico; mas não era o paiz do Sol, e colonias que haviam embarcado na Galliza, regressaram de boa maré áquelle paiz, que tantas semelhanças tem com a verde Erin. Era este o estado psicologico dos espiritos, ao raiar do seculo xv. A Europa tinha a nostalgia do mar. Então apresentou-se um homem, que, compendiando em si todas as aspirações do seu tempo, rasgou o caminho das navegações e a estrada para a India. Chamava-se D. Henrique, e era portuguez.

Possuia todas as qualidades para o desempenho de tão alta empreza. Filho de D. Philippa de Lencastre e de D. João I, herdara de sua mãe, senhora das que mais honraram o solio lusitano, a noção impreterivel do dever, uma ideia exacta da justiça, e a aspiração da gloria, que deve ser o adjuncto natural dos que, nascendo chefes, só podem manter-se na sua posição pelas propriedades que explicam e authorisam o mando. De seu pae vinha-lhe o genio ambicioso e aventureiro, o grande coração, que, em toda a sua vida, traduziu em actos de generosidade. Prudente, porque as difficuldades da sciencia lhe tinham avisado a circumspecção, era continente, para que as paixões humanas o não desviassem do seu proposito. Alem de tudo era um illuminado: sabia ver. Aproveitou os diversos elementos que o cercavam e lhe po-

diam servir. Assim, em Sagres, ouviu da bocca de seu irmão, o illustre infante D. Pedro, em quanto fóra zurravam os ventos, a narrativa de suas peregrinações, pois elle tinha corrido as *sette partidas do mundo*. Recebera de suas mãos o mappa e a relação manuscripta das viagens de Marco Pollo, efferta da *Senhoria de Veneza*; e de tudo se compenetrara; bem como do estado dos paizes civilisados, cuja anciedade elle bem comprehendia pelos habeis maritimos da Italia, da Allemanha, e dos Paizes-Baixos, que todos os dias emigravam para os estados nascentes ao longo do Atlantico. De tudo se compenetrara o bom infante, ouvindo, perguntando, apprendendo, estudando, esclarecendo; rodeado de varões illustres da nação e estranhos, e ainda de seus escudeiros, creados, acostados; os quaes eram seus discipulos e amigos; e todos, (por vezes nomes obscuros) formavam escola, academia; incendiados pelos desejos do infante, illustrados pelo seu alto saber, avigorados pela sua convicção, e acima de tudo fortes pela fé religiosa, que a todos sabia communicar o audaz principe, — pois elle era um *padre-soldado*.

A fé religiosa do infante foi a sua maior virtude. Senão, vejamos. A elle não praziam as descobertas sómente, porque as permutações commerciaes viriam a enriquecer o seu paiz; não lhe praziam porque só d'ahi lhe proviesse a gloria, a fama celebrada do seu nome e da sua gente; nem porque alargaria a aria da sciencia em beneficio da humanidade. Não eram estas tão apenas as suas vistas; praziam-lhe as descobertas, porque elle desejava tambem alargar a fé catholica a povos desconhecidos. Era-lhe no peito o estabelecer uma religião commum, para facilmente trazer esses povos ao gremio da civilisação. Bem comprehendia o sabio infante, que homens selvagens, sem educação, sem ideias, mas com um pronunciado instincto religioso, não se submeteriam voluntarios pela força. Cumpria que elles fossem conquistados, não pela espada do soldado, mas pela propria divindade. Então, o seu orgulho natural cahiria deante da cru; não eram vencidos pelos homens, submettiam-se a Deus. Comprehendia isto o infante, assim o cremos. É certo que a victoria de povos selvaticos mais vem do missionario, que do soldado. E tão verdade é esta, que nas guerras antigas, quer de gregos, quer de romanos, uma cidade, um exercito, um povo, jámais se davam por vencidos, senão quando entregavam, ou lhe conquistavam os seus deuses. E depois, na falta de uma lei escripta a que obedecessem esses povos, de que modo commerciar com elles, se não reconhecessem, pelo menos, uma lei moral commum? Aceitando elles o Evangelho já teriam um grande codigo, porque todas as codificações modernas com seus mandamentos de liberdade, egualdade e justiça, mais não fazem do que copial-o. Eis por que o infante recommendava sempre, que lhe trouxessem captivos, e logo os mandava

baptisar; e, educados nos preceitos da religião christã, não raro, os mandava para as suas terras. — A taes cuidados devotou a existencia; a tudo vencendo pela vontade preduravel, inquebrantavel; dispondo das vidas humanas, combatendo malquerenças, gastando grossos cabedaes: — os proprios haveres, os do mestrado de Christo. E alfim morreu pobre, coberto de dividas. Só ao duque de Bragança era devedor de 35.478 corôas de ouro, o que em moeda actual perfaz 985 contos de réis, quantia enorme para aquelle tempo. Não logrou que os seus navegantes fossem alem da Serra Leôa, porque a vida do homem é curta; mas, havendo, pela sua perseverança, conquistado a opinião da gente portugueza, e a attenção da Europa, finado elle, as navegações continuaram, e os marinheiros portuguezes foram á India e á China, onde ainda agora temos Gôa e Macau.

II

Vejamos, porém, para a civilização do mundo, quaes as consequencias dos trabalhos do infante. No seculo XVI, completado pelos portuguezes o cyclo das navegações, a Europa entrava, a velas pandas, nos dominios da renascença. A Italia dera para essa epocha brilhante, a maior da historia, os grandes artistas, que, já na pintura, já nas letras, vieram trazer ao natural a vida humana, trucidada pelo ascetismo da meia-idade. Voltára aos labios o riso, a força aos corpos, a alegria á alma humana. O amor já não era um peccado; a virgem Maria, em vez de ser a Senhora das sette dores, de coração atravessado de sette espadas, era a *Virgem da cadeira* de Raphael, de phisionomia consolada pela maternidade, e com o *bambino*, gordo e sorridente nos braços. A mulher teve na Italia o culto da *renascença*. Na Allemanha e na França fizera-se uma enorme revolução scieintifica. Se as guerras de religião, por vezes entenebreciam essa epocha, é certo que do choque das armaduras de ferro, adveio notavel renascimento, porque deu ensejo, a que em um e outro campo, — o de catholicos e o de protestantes, — descessem ao cerco dos justadores, não só os homens armados da espada, mas os homens armados da ideia.

Publicaram-se broxuras, pamphletos, livros; entraram no prelio illustres theologos, sabios professos, reis e pontifices; e atravez da Europa, estabeleceu-se ingente conversa escripta, fallada, discutida, em que formavam exercito combatente os raciocinios, os argumentos, compendiados nos autos das assembleas e concilios. Falou a igreja, falaram bléas e concilios. Falou a igreja, falaram os santos; e, como já os hereticos, falaram os santos; e, como já demonstrámos em outro lugar,¹ o dialogo

dos padres não deixou de ser o mais justo e o mais humano. A liberdade do pensamento adquirio forças; e na Allemanha e na França, foi esta a principal conquista da renascença. Enquanto succedia este vosear e batalhar de povos, Portugal continuava no seu proposito das navegações; e se a Italia deu á *renascença* — a arte, e a França e Allemanha — a sciencia, a maior de todas, a sciencia dos direitos humanos, é certo, mais que esses povos, Portugal entrou na *renascença*, dando aos homens todos os elementos, que engrandecem as sociedades modernas: — doou-lhes a civilização.

E' hoje verdade incontroversa, e a demonstração deu-a o illustre Major, um amigo dos portuguezes, que foram as navegações do infante, as que deram ensejo ás viagens de Colombo.¹ Este residira em Portugal, fora casado com a filha de Bartholomeu Perestrello, ouvira de pilotos portuguezes as narrativas e noticias do mar tenebroso. Haviam-lhe contado das madeiras e grandes bambus, que appareciam nas aguas dos Açores e Porto-Santo, a nossas possessões trasidas pela corrente do golpho do Mexico ou da Florida, á qual, está hoje provado, deve Portugal a bondade do seu clima. Attentando em tudo isto elle futurára poder se ir á India, marchando para o occidente, e afastando-se da Africa. Assim, todas as descobertas posteriores vêem das navegações do infante. Gil Eannes dobrando em 1434 o Cabo Bojador é quem anima Bartholomeu Dias a chegar ao Cabo Tormentozo (1487); Colombo a descobrir o novo mundo (1492); Vasco da Gama a encontrar a communicação maritima para as Indias (1497); Pedro Alvares Cabral e ir ter ás costas do Brazil (1500); Fernão Peres de Andrade a navegar os mares da China (1517); Fernando de Magalhães a realisar a primeira viagem á roda da terra (1520); outros portuguezes a descobrirem a Australia (1530); finalmente, Gaspar Corte-Real, a navegando para o nordeste, descobrir a Terra Nova (1561). Foram tantas navegações, descobertas e conquistas, iniciadas sob o mando de Henrique o *navegador*, continuadas depois por nacionaes e extranhos, entre os quaes se affirmam os hispanhoes, as que, pelas relações do commercio, aproximaram a Europa, a Asia e a America, e fizeram a civilização do mundo. Longo seria, n'este ensejo, enumerar de espaço, os conhecimentos novos, que engrandeceram o entendimento humano, dando aos homens das sociedades modernas, a plenitude do poder. Longo seria; e nem cabe nos limites d'esta folha. E' bem de ver que a victoria dos europeus sobre os povos da Asia, da Africa, da Australia, do Brazil, das Antilhas, das ilhas do oceano Indico etc. creou uma civilização muito differente da civiliza-

ção antiga, e novas artes e novas sciencias. E eis porque, do desejo ardente de voltar á India, resultou para os homens, uma outra e maior civilização.

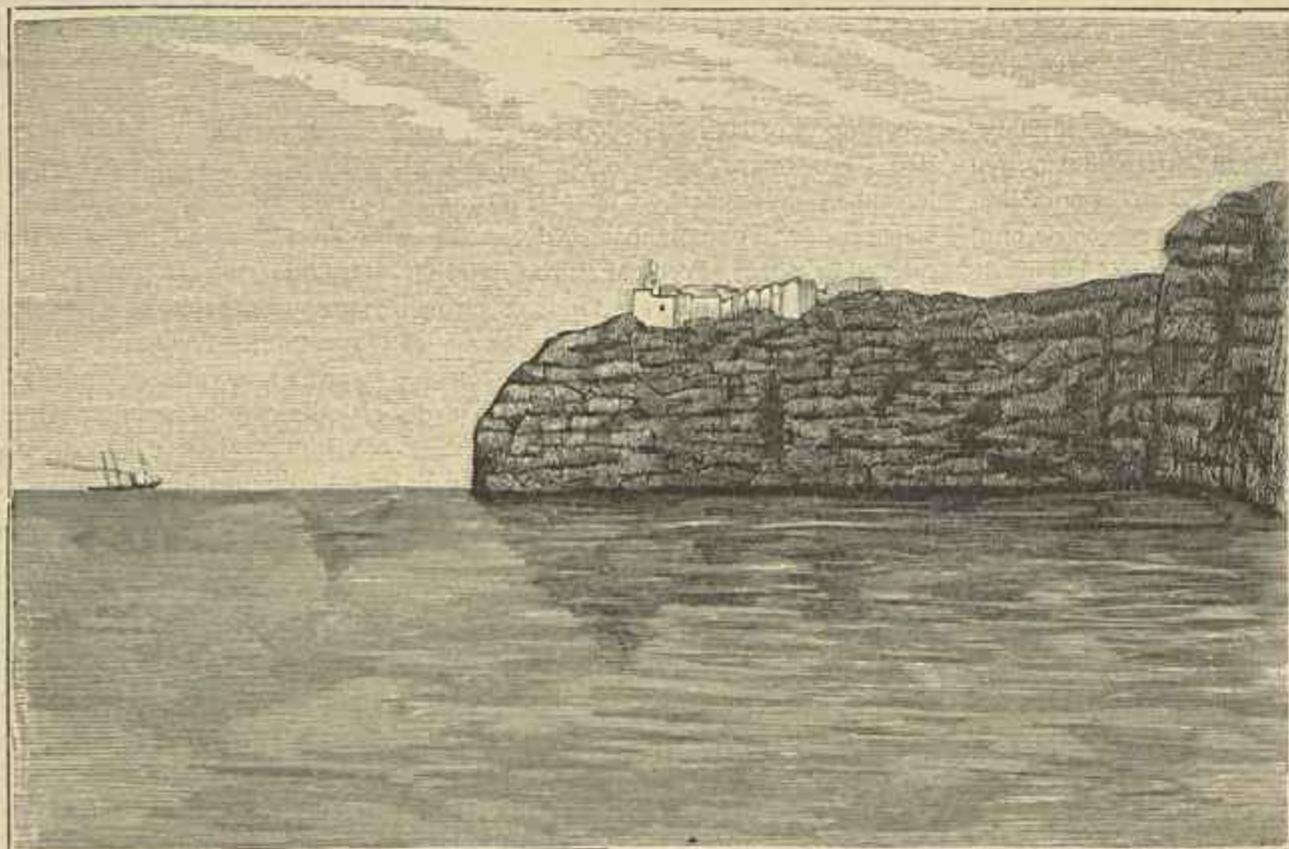
III

E agora que me não falle o sentimento. Quem olha de perto os acontecimentos da historia, fica suspenso, duvidoso por vezes, se dará a palma gloriosa a tantos que, certamente grandes, todavia foram ao tumulo, talvez remordidos de seus crimes, escoltados de odios e malquerenças dos vencidos e das victimas. Mas, se volvidas as gerações, esse tal sobe nas azas do espirito ao promontorio de onde os horisontes se alargam, arejados, e onde a tranquillidade serena da rasão lhe falla, — então, elle vê que as grandes leis, as immutaveis, foram cumpridas, e que os accidentes tenebrosos, são, como na vida do homem, as doenças, que se o não matam, jamais o impedem no cumprimento do seu destino. Assim é na historia. Volvidos os tempos é que nasce e se manifesta o agradecimento, a apreciação justa, para os que, intemeratos, sem olhar para as infimas cousas, sem pavor, sem medo, sacrificando commodos, os prazeres da vida, o iriado das primaveras, os sentimentos humanos e queridos, fizeram da sua alma um grande templo, que encheram com a imagem de Deus, suprema virtume e suprema lei; e governaram homens, dirigiram acontecimentos, e removeram gentes, sem cuidar dos obstaculos, nem cuidar das vidas, e só attentos a suas ideias, que sentem, vêem, conhecem, serem as da humanidade, que insensivel e naturalmente os cercam, pedindo-lhes, não a sua ventura, mas a felicidade das gerações: — a do genero humano. Eis porque o infante foi grande; e tão collossal, que sendo morto está vivo; e nem os seculos que tudo apagam e tudo esquecem, conseguiram obliterar-o. Tal como a garrafa dos naufragados, que o fluxo e refluxo, o *corsi* e o *ricorsi* do mar, e as correntes, arrojaram afinal á praia, para dar conhecimento aos vivos dos pericidos em seus abyssos, assim os documentos da historia, garrafa dos mareantes perdidos no naufragio da morte, vem dar afinal conhecimento aos humanos sobreviventes, da exacta occurrencia dos successos. O tempo *que cura meadas*, depois de tantos preia mares e baixa-mares, vem finalmente trazer ao conhecimento da rasão o valor dos acontecimentos, e quaes foram os seus benemeritos. Isto succede agora com o infante; isto succederá d'aqui a seculos, — porque o seu nome não é o de um homem; é o de uma civilização.

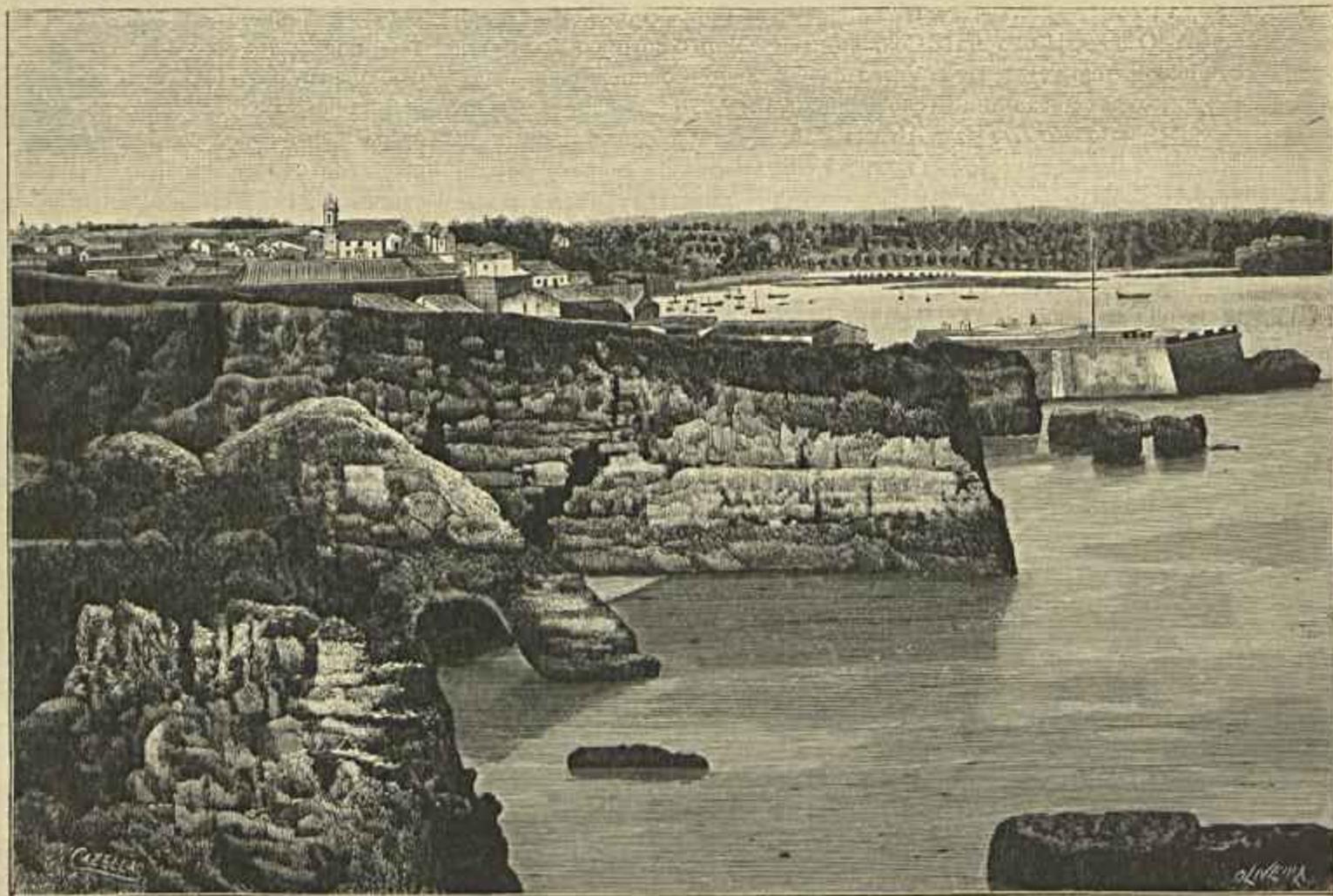
Conde de Alcazar

¹ Veja-se a introdução historica da memoria acerca da Arbitragem, que apresentamos no Congresso Juridico de Madrid, de 1892.

¹ Alem de Henry Major veja-se igualmente o notavel trabalho do sr. Vicente Almeida d'Éça: — *A arte de navegar dos portuguezes 1894.*



O PROMONTORIO DE SAGRES



A CIDADE DE LAGOS

Cópia de photographia



CASA E CAPELLA DO INFANTE, EM SAGRES



PLANTA DA PRAÇA E PROMONTORIO DE SAGRES

a — Torre que actualmente serve de arrecadação, pdr laixo da qual e a entrada da praça, e na qual, sobre a porta para o interior d' esta se collocou o Monumento.

b — Paredões antigos que foram aproveitados para a edificação dos novos alojamentos.

c — Vestigios da primeira igreja matriz.

d — Vestigios das casernas de milicias em 1793.

e — Cavallariça.

f — Paol edificado sobre as ruinas de um edificio circular, provavelmente o Observatorio erigido pelo Infante D. Henrique.

gg — Vestigios de paredes inteiramente razos.

h — Caverna profundissima que communica com o mar.

ii — Baterias no extremo da península.

k — Pedestal que teve oul' ora uma cruz. E' aqui que o promontorio começa.

l — Enseada de Belixo.

m — Enseada de Sagres.



MONUMENTO DO INFANTE D. HENRIQUE, EM SAGRES

PROMONTORIO DE SAGRES

SAGRES é uma villa e praça marítima da provincia do Algarve, concelho de Villa do Bispo, comarca de Lagos e districto administrativo de Faro, situada na pequena península que forma o cabo de Sagres, a tres milhas do Cabo de S. Vicente.

Tem uma só freguezia cuja invocação é de Nossa Senhora da Graça, a qual comprehende, alem da villa, os sitios de Vinhas, Baieira, Val Santo, Catalão, Casal, Monte Novo, Reguengo e Farol do Cabo.

A villa foi fundada pelo infante D. Henrique em 1416 ou 1419 com o nome de *Tersanabal*, aonde este sabio principe fez edificar a sua morada, instituiu escolas de mathematica, geographia, cartographia e nautica, assentou estaleiros e officinas de construcção naval e fez erigir o primeiro observatorio astronomico que existiu em Portugal. É banhada pelo Oceano formando duas pequenas bahias a leste e a oeste, as quaes offerecem fundeadouro e abrigam dos ventos de cima da terra, dando a de leste desembarque na praia.

É fechada com muralhas levantadas na parte mais estreita da península encerrando as casas do governador, as que foram da habitação do infante, os quartéis do destacamento e a igreja da freguezia. Tem estradas para Lagos, Algezur e Villa do Bispo, donde dista dez kilometros. Tem uma estação semaphorica. Tem agua e bom clima.

Fortes de Sagres de D. Henrique.



CARAVELLA DO TYPHO DAS QUE O INFANTE EMPREGOU NAS VIAGENS DE EXPLORAÇÃO
(Aquarella do sr. José Pardal)

O MONUMENTO DE SAGRES



nobre general visconde (depois marquez) de Sá da Bandeira, solicitou por tudo quanto respeitava as glorias nacionaes e ao engrandecimento da patria, de que, por seus actos e estudos, nos legou tantos documentos, em 1836 lembrou-se de perpetuar a memoria do inclito infante D. Henrique mandando erigir um monumento em Sagres, d'onde elle dera tão grandioso e giganteo impulso ás navegações e aos descobrimentos dos portuguezes.

Em 8 de abril de 1836, reinando a Rainha Sr.^a D. Maria II, assignou Sá da Bandeira uma portaria, que já constituia por si um padrão saudoso e glorioso de homenagem aos trabalhos do egregio principe; e em virtude d'ella se começou em Lisboa, e no arsenal da marinha, o monumento, que só alguns annos depois pôde ser levado ao seu destino.

Esse monumento, de que fôra escultor Manoel Simões, constava de uma lapida de marmore com dez palmos e meio de altura e cinco e meio de largura, embutida na parede sobre a porta interior da entrada principal da fortaleza de Sagres. Este corpo é dividido em dois planos, tendo o superior, em meio relevo, o escudo das armas do infante com a legenda *Talent de bien faire* e uma esphera armilar á direita e um navio á véla, á esquerda. O plano inferior comprehende duas almofadas, na do lado esquerdo com uma inscripção latina e na do direito com a versão em portuguez. É a seguinte:

Monum. consagrado, á eternidade, o grande Infante D. Henrique, filho de el-rei, de Portugal D. João I, tendo empredido descobrir as regiões até então desconhecidas de Africa Occidental e abrir assim caminho para se chegar por meio da circumnavegação africana, até as partes mais remotas do Oriente, fundou nestes logares, á sua custa, o palacio da sua habitação, a famosa escola de cosmographia, o observatorio astronomico, e as officinas de construcção naval, conservando, promovendo e augmentando tudo isto, até ao termo da sua vida, com admiravel esforço, e constancia, e com grandissima utilidade do reino, das letras, da religião, e de todo o genero humano, falleceu este grande principe depois de ter chegado com suas navegações, até o 8.^o gr. de latitude septentr. e de ter descoberto e povoado de gente portugueza muitas ilhas do atlantico aos xii dias de novembro de 1400. D. Maria II Rainha de Portugal, e dos algarves mandou levantar este monumento á memoria do illustre principe seu consaguineo, aos 379 annos depois do seu fallecimento, sendo ministro dos negocios da marinha, e ultramar, o visconde de Sá da Bandeira 1839.

Esta lapida, como disse, foi lavrada no arsenal da marinha. Não sei por que circunstancias, levou mais de tres annos o fabrico. O incumbido de a levar a Sagres foi o capitão de mar e guerra, Lourenço Germach Possolo, que se desempenhou d'esta commissão como consta de um extenso e interessante relatório publicado no *Diario do Governo* de 4 de novembro de 1840.

A collocação do monumento realisou-se com solemnidade a 24 de julho d'aquelle anno. O distincto official da armada, de accordo com as auctoridades locais, convidou a camara municipal, de que era presidente Antonio Joaquim Correia, o capellão e a officialidade da guarnição, o governador da praça, e outras pessoas; e d'essa cerimonia lavrou se auto, sendo escrivão o do municipio, Bernardo Pereira.

Veio tambem este auto na folha official citada. No relatório, a que me referi o sr. Possolo prova que lhe mereceu a maior solicitude descobrir os vestigios da povoação, que dera abrigo ao egregio infante e fôra theatro de seus levantados estudos e planos; porém, ao que infiro da sua exposição, o illustrado official não ficou muito satisfeito com as investigações.

O capitão de mar e guerra Possolo, depois de descrever a praça de Sagres, restos da fortificação construída quasi no fim do seculo xviii, evidentemente no plano das ruínas de outra construcção militar, que devia datar do fim do seculo xvi ou começo do xvii, ou proximo da época em que começaram a aperfeiçoar as primeiras experien-

cias da artilheria, refere se á freguezia, ou villa, cuja fundação se attribue ao infante, e escreve:

«O districto que constitue a freguezia tem pouco mais de uma legua do istmo para o interior do paiz, e é povoado por habitações ruraes, que ao todo serão umas vinte e tantas, dispersas umas das outras por mais e menos de uma milha da praça. Não existe em todo este districto o mais leve vestigio, ou material ou tradicional, de ter ali havido povoação agrupada, a que se dêsse o nome de villa, a não ser o interior da praça, onde sempre existiu, e ainda existe a igreja matriz: todavia teve Sagres uma camara, da qual ainda existem, entre os donos d'aquelles casas, alguns, que foram vereadores, e celebravam as suas sessões em casa de um ou outro d'elles: existia um cartorio; isto é, livros antigos d'aquella municipalidade, e alguns, segundo elles dizem, escriptos em caracteres intelligíveis, o que seguramente indica muita antiguidade. Por causa das vicissitudes politicas, deixou de existir de facto esta municipalidade, e os livros de seus antigos registos foram enviados para a camara da Villa do Bispo, sua confinante, donde um escrivão, tão ignorante como de má fé, os roubou para vender a peso para as tendas de Lagos! e quem poderá avaliar hoje o prejuizo, que este malvado causou á historia do paiz, já de sua natureza mesquinha em noticias, se bem que abundante em acontecimentos?»

Depois, o sr. Possolo indica as razões de preferencia na escolha do local para a criação do monumento. Regista-as d'este modo:

«1.^o por ser sem controversia, o unico edificio existente de remotissima antiguidade: 2.^o por ser o local mais nobre de todos os que poderiam entrar em concorrência com elle; e 3.^o o mais a proposito para a sua conservação, em razão da contiguidade do corpo da guarda, á qual ficou consignado.»

Essas tres consignações, accrescenta o illustre official de marinha, satisfaziam cabalmente a parte essencial do programma do monumento, que era — «consagrar á eternidade aquellas logares em que o veneravel infante fundou a primeira escola de navegação.»

Podia agora apreciar a importancia e as duvidas, que tem apparecido, nem comprovadas, nem destruídas, acerca do estabelecimento da escola de Sagres, e como deveria ser julgada no seu valor historico e scientifico, porém isto constituiria materia para artigo mais desenvolvido e cuidadosamente estudado, se fosse possível encontrar os desejados subsidios. E tambem não me parece opportuno o momento para essa série de investigações.

D. Henrique

O INFANTE D. HENRIQUE



ESTE de galas, hoje, o decano dos periodicos illustrados de Portugal, celebrando o dia 4 de março de 1394, ephemeride que a ouro inscreve na Historia o nascimento do quinto filho do rei de *Boa Memoria* e da virtuosa rainha D.

Fillippa.

Foi em a modesta casa da rua Velha d'Alfandega, no Porto, que nasceu D. Henrique, appellidado entre os povos de todas as nações — o infante navegador.

Celebra, todo o paiz, o quinto centenario do nascimento de D. Henrique porque, o nome do infante, para assim dizer, consubstancia a nacionalidade portugueza.

A linhagem do infante é de primeira plana. Por sua mãe era sobrinho de Henrique IV e bisneto de Eduardo III, ambos reis de Inglaterra; era aparentado com os Capetos e Valois, origem de Bourbon que deu casas reinantes á França, á Hespanha e ao reino de Napoles.

A miniatura que reproduzimos do infante é considerada por verdadeiras auctoridades o mais authentico retrato dos até hoje conhecidos. O infante está vestido de luto, cobre-lhe a cabeça

uma grande gorra preta sem insignias; e o cabelo, cortado á moda do tempo, como era de jus em taes circumstancias.

E' conhecido, em todo o mundo scientifico, o trabalho do infante, que póde definir-se assim:

— As costas de Africa percorridas — o Cabo da Boa Esperança dobrado — o Novo Mundo ou Americas descoberto — aberto o caminho para a India, para as Molucas e para a China — o globo circumnavegado e a Australia descoberta.

Com respeito aos titulos do infante, que era filho de rei, irmão de rei e tio de rei (por isso que seu pae foi el rei D. João I, seu irmão D. Duarte I e seu sobrinho D. Afonso V.) — fallia pela nossa penna o honrado inglez e notavel historiador, Richard Henry Major.

«El rei D. João I saiu de Ceuta com a armada a 2 de setembro de 1415, e poucos dias depois ancorou, no meio das jubilosas aclamações do seu povo, em Tavira, no reino do Algarve. Em Tavira reuniu seus filhos, e declarou querer remunerar-lhes o grande serviço que lhe tinham prestado. Ao principe D. Duarte, herdeiro da coroa, nada podia offerecer que fosse de maior valia; mas a D. Pedro conferiu o titulo de duque de Coimbra, o senhorio de Montemor o Velho, Aveiro e outras terras que d'ahi em diante, por constituirem o apanagio de sua cathedra, passaram a denominar-se do infantado que ainda hoje conservam.»

«O titulo de duque era então desconhecido em Portugal.»

«O infante D. Henrique foi feito duque de Vizeu e senhor de Covilhã.»

Portugal deve muito, deve tudo ao infante-duque.

A Religião, e a Patria não existiriam entre os nossos, se não fosse o empenho e a tenacidade do grande e glorioso navegador em propagar a Fé mandando aos seus pilotos e guerreiros, firmar nas adriças dos galleões portuguezes a bandeira branca com a cruz de Christo.

E' facto que o infante D. Henrique procurara com o maximo interesse informar-se de tudo que dizia respeito á cosmographia creada n'este tempo mas não é menos verdade, e d'isso convencidos estamos, de que elle fôu particularmente o seu glorioso empenho, já não diremos como grão-mestre da Ordem de Christo, mas simplesmente, como bom christão, em promover a dilatação do christianismo nos paizes que os seus *cabos de mar* descobrissem.

Ainda é Richard Henry Major, um protestante (!) que vem em nosso auxilio.

«... Tinha (o infante) motivos para suppor que o poderio dos mouros n'aquella parte da Africa era maior do que geralmente se pensava, e que ali não havia christãos. E o infante desejava naturalmente conhecer até onde chegava o poder d'aquelles seus inimigos.»

Um portuguez que não consta ter reconhecido no seu paiz só se podia viver de *eleições* e outros traficos, um homem honrado que em vida se chamou Bernardo de Sá Noqueira, fez levantar a planta da praça e promontario de Sagres, em julho de 1840. E foi elle tambem que mandou construir o monumento á memoria dos feitos do infante sobre a porta da entrada da praça, onde foi a *Tercena Nabal*. Era ali que o grande infante educava os homens que haviam de abrir o caminho para os reinados brilhantes de D. João II e D. Manoel I.

Existem, mercê de Deus, alguns monumentos em Portugal que attestam a gratidão dos antigos para com a memoria do infante.

Além do erigido pelo bravo vencido de Toulouse em 1814, temos o tumulo do infante-duque na capella do mosteiro da Batalha. N'este tumulo estão esculpidas as armas do infante D. Henrique no primeiro escudo, no segundo a cruz, a divisa e o lema da ordem da Jarreteira de que possuia a banda, no terceiro a cruz da ordem militar de Christo de que o infante era grão mestre. O grande portuguez está vestido de guerreiro e a cabeça é-lhe resguardada por uma especie de docel. Na orla do tumulo desenrola-se a divisa do infante:

Talent de bien faire

D. Henrique, primeiro duque de Vizeu, era, conforme Azurara, de estatura mais que regular, cheio sem ser muito nutrido, e de forte constituição. «A côr de natureza branca, pela continuação do trabalho tornara-se com o tempo trigueira. A expressão do rosto á primeira vista inspirava respeito aos que não estavam afeitos a elle; e encolerizado, o que raras vezes succedia, tinha muito temeroso sobrececho.»

El-Rei D. Manoel I mandou fazer a estatua do infante que hoje se vê, por cima da columna do centro da porta lateral, no mosteiro de Belem.



ESTATUA DE D. HENRIQUE NO MOSTEIRO DOS JERONIMOS

E são estes, só, os monumentos que existem em Portugal para perpetuar a memoria d'esse prescurador do mundo, que durante meio seculo consubstanciou toda a vida da nacionalidade portugueza, e que, passados quinhentos annos, é ainda elle quem une todos os portuguezes n'um só desejo, n'um só pensar — a glorificação de Portugal.

E era um homem da esphera do infante que havia de fazer escravatura?! D'isto só se lembraria o almirante Roussin, o mesmo que bombardeou o monumento da Torre de Belem.

Mas vamos sempre ver, como viviam em Portugal os escravos do infante, que vale bem a pena...

Uma vez, uns hespanhoes e entre elles, um Juan de Castilha, apresou e trouxe a Portugal, á força, alguns dos habitantes das ilhas Canarias.

Pois logo que o infante teve conhecimento d'este facto «... ficou em extremo indignado, e mandou trazer os prisioneiros para sua casa, restituindo-os á sua terra natal com ricos presentes.» (*Life of prince Henry of Portugal*).

Isto é unicamente o que se encontra em documento authentico e por onde se póde calumniar o infante, além do caso, já liquidado do Jean de Bettencourt, o curioso descobridor do cabo de Bugeder.

E eis as provas com que se pretendia desmerecer os serviços immensos que o infante-duque prestara á Religião, á Patria e ao Rei.

Os serviços do grande principe dos navegadores pódem synthetisar-se no seguinte:

— A' *Religião*, propagando a Fé christã em todo o continente negro, aniquilou para sempre o dominio mahometano em Africa;

— A' *Patria*, deu os conhecimentos da sciencia, enriquecendo a com terrenos novos povoados de milhões de habitantes, e poz ao seu serviço centenas de homens intelligentes e bravos;

— Ao *Rei*, garantiu-lhe sempre o respeito e dedicação de todos que, ao mando e soldo d'esse prescurador do mundo serviam a Religião e a Patria.

Manoel Barradas

O INFANTE ARMADO CAVALLEIRO



ASCIDOS n'um paiz de cujo sólo ainda se não haviam apagado os vestigios do sangue que os seus heroicos defensores derramaram, tendo visto a luz do dia n'este torrão que repetidamente elle en-sopava, os filhos de

D. João I — geração mater de tantos prodigios —, D. Duarte, D. Pedro e D. Henrique, sentiam a sua alma juvenil e phantasiada acariciada pela atmosphera cavalleiresca em que o seu espirito vivia, sonhando e mirando altas emprezas em que mostrassem o valor que a natureza lhes déra e os dotes que a educação lhes creára. Segredava-lhes o coração que se deviam tornar dignos da Patria; e, lisongeava-os o seu orgulho incitando-os a commettimentos que os ennobrecesse com aquella excelsidade que os costumes permittiam aos esforçados e as leis outhorgavam aos valorosos.

Assim, logo aos primeiros alvares da sua formosa mocidade os infantes, só um desejo tinham, só uma ambição sentiam, cujo anhelo era tanto mais vivo e encendrado quanto mais difficil se lhes mostrava o satisfazel-a.

Lisongeados, porém, pela sua imaginação ardente, que lhes acenava com um futuro risonho e glorioso, nem um só instante se lhes sumia do pensamento a esperanza de alcançarem, elles que eram novos e ricos, nobres e valentes, a honra tão desejada nas epocas mediavaes — o serem armados cavalleiros; e, como o ser-lhes concedido a anciada distincção, sómente dependesse da pratica de algum feito militar, os filhos do memoravel Mestre d'Aviz não se limitaram a esperar os factos, n'uma placida expectativa, pois que as lutas, então incessantes, lhes podiam permittir a ideia de a breve trecho se encontrarem no campo de batalha e assim conquistarem as suas esporas, fizeram mais: anteciparam a occasião, pois lhes não soffria o animoso temperamento aguardal-a em doce serenidade, o que, além de não estar no seu modo de sentir, era contra a natureza irrequieta e bellica da epoca.

Surgiu então, entre elles, a ideia da empreza de Ceuta cuja perspectiva gloriosa os encheu d'entusiasmo. Ainda que seu pae lhes desejasse propiciar occasião mais segura de se nobilitarem nas armas, como era a de um grande torneio internacional, os infantes anciosos e febris apresentaram a seu glorioso pae o grande projecto pedindo-lhe permissão para o executarem. Não desejando o rei, prudente como era, impanar com algum desaire o brilho e lustre que a bandeira portugueza tinha adquirido com a vi-



D. JOÃO I, PAI DO INFANTE D. HENRIQUE

(Desenho original de Manoel de Macedo - gravura de Caetano Alberto)



D. FILIPPA DE LENCASTRE

MULHER DE D. JOÃO I E MÃE DO INFANTE D. HENRIQUE.

(Cópia de um retrato de Simão Benito, no manuscrito n.º 4751 do British Museum, de Londres)

OS PAES DO INFANTE

Entre Joana, meirinho cavalleiro
(Lendas sup. I.º, III. 7.ª vers.)



D. João I de Portugal, que a historia cognominou o de *Boa memoria*, casou na Sé do Porto, no dia 2 de fevereiro de 1387, com D. Filippa de Lencastre, primeira filha do duque de Lencastre, João de Gaunt, filho do rei Eduardo III de Inglaterra.

D'este enlace nasceram oito filhos que foram: os infantes D. Afonso, D. Duarte, D. Pedro, D. Henrique, D. Fernando, D. João, e as infantas D. Isabel e D. Blanca.

O infante D. Duarte succedeu a D. João I no throno, e se este principe pela sua grande illustração, intelligencia e bravura,

foi um digno successor de seu pae, não foram menos notaveis seus irmãos, pelos altos dotes de intelligencia, pelo esforço do seu braço guerreiro e pelos serviços que com essas qualidades prestaram a patria que engrandeceram e honraram.

Foi uma progene abençoada a de D. João I e D. Filippa de Lencastre.

D. João I, o Mestre d'Aviz, levantou a nação do abatimento a que tinha chegado sob o governo de D. Fernando, e levantou-a gloriosamente assombrando o mundo com os seus feitos e conquistas. D. Filippa de Lencastre educou seus filhos sob os mais solidos principios da religião e do amor da patria, com um espirito superior, onde as virtudes de mãe e de esposa tinham fervoroso culto.

D. Filipa de Lencastre como mãe pode-se comparar a D. Maria II. A primeira era ingleza de nascimento, a segunda fôra educada em Inglaterra.

Venturoso rei que teve por esposa uma princeza de tão reconhecidas virtudes, e por filhos tão assignalados varões.

D. João I fundou a dynastia d'Aviz, que foi para Portugal uma nova era de prosperidades e gloria e falleceu com setenta e quatro annos de idade.

D. Filippa de Lencastre falleceu, em Sacavem, victima da peste, a 16 de julho de 1415, contando cincoenta e seis annos de idade.

Jazem os dois no busteico de Santa Maria da Victoria (Batalha), em um tumulo, na capella mandada fazer por D. João I para seu jazigo, e por isso intitulada a Capella do Fundador.

Guilherme Almeida



CASA ONDE SE SUPÕE QUE NASCEU O INFANTE
D. HENRIQUE,
NA RUA VELHA DA ALFANDEGA, NO PORTO

ctoria de Aljubarrota, estudou as probabilidades vantajosas que offercia a empreza.

Devemos frisar que, se aos infantes era querido este empreendimento pelo seu aspecto captivante e por irem combater pela fé christã; a D. João I não lhe agradava menos por quanto era bem com as suas tendencias guerreiras e de alargamento dos seus dominios.

Preparou-se, pois, a expedição e bem curioso seria lembrar aqui os incidentes que tão interessante a tornaram, mas não o faremos por menos cabimento.

Foi no dia 25 de julho, dia que nos é sympathico em extremo, que de Lisboa, partiu a frota portugueza. É-nos difficil dar uma ideia dos prodigios de valor que se praticaram na conquista de Ceuta. Imagine-se que a flor da nobreza alli se encontrava auxiliando o rei e os infantes, e, detenhamo-nos perante a ideia do successo. Todavia, foi D. Henrique quem mais se distinguuiu.

Alcançada a victoria com ruidoso exito, D. João I armou finalmente cavalleiros a seus trez filhos.

8-3-94.

Estevão Pereira

VILLA DO INFANTE

QUEM despreocupadamente estuda a historia nos nossos escriptores de certas epochas, não pode deixar de receber falsas idéas, beber noticias erradas, que só a muita investigação e o trabalho assiduo podem corrigir ou esclarecer, mas nem sempre conseguem extirpar.

Quantas lendas não haviam accumulado os seculos sobre os primitivos tempos da nossa vida como nação, que o valente escalpelo de Alexandre Herculano disseçou, demonstrando as falsas, mas que, apesar do vigor do seu profundo talento, ainda se não dissiparam completamente de muitos espiritos credulos?

É curioso analysar como uma noticia simples, dada concisamente por um antigo chronista, se vai pouco a pouco enfeitando. Cada escriptor vai lançando na tella uma nova pincellada, e ao cabo de tempos quasi se não pôde reconhecer o desenho primitivo, desembaraçal o dos accessorios acrescentados, porque quem o contempla não sabe como, porque, nem com que fundamento cresceram.

Dos primeiros annos da vida do infante D. Henrique restam poucas noticias nos primitivos historiadores. A primeira vez que apparece na scena da vida publica é na tomada de Ceuta (1415), onde se mostrou valente, mas temerario.

Tres annos depois, sendo aquella praça cercada pelos mouros, é lhe incumbido o cuidado de soccorrel-a, ficando d'ahi em diante, a seu cargo o que tocava ao provimento e manutenção d'essa praça, primeiro estabelecimento portuguez em territorio africano. Desde esse facto até a morte de seu pae (1433), isto é, durante perto de quatorze annos, pouco se falla do infante. Apenas n'esse periodo avulta o descobrimento do archipelago da Madeira, sendo ainda duvidoso se foi acaso, se proposito, e até a sua verdadeira data.

Azurara, contemporaneo e creado do infante, limita-se a dizer que durante doze annos se fizeram por ordem d'este, tentativas infructuosas para se dobrar o Cabo de Bojadar, sem nos referir quizes e em que datas, até que a ultima expedição d'aquelle anno, prefiz essa, para a epocha, importante façanha.

João de Barros, cem annos depois, segue na es-

teira de Azurara, confessando, com a maior lealdade e franqueza, que tudo quanto refere do processo do descobrimento da Guiné, o tirou d'este historiador, a quem tece os maiores elogios. Começa, porém, já a devanear algum tanto. Pouco a pouco, os historiadores vão preenchendo essas lacunas. Não achando noticias precisas nem documentos autenticos, recorrem á inventiva, e então apresentam o infante entregue a estudos de mathematica e outros; e não falta quem o pinte como um solitario, afastado de tudo, confinado em uma pontalerna e inhospita do Algarve, só entregue á contemplação do ceu e dos astros, perguntando ao mar pelos seus segredos, sonhando descobrimentos e glorias. Outros menos modestos começam a inventar-lhe um palacio, que era uma escola de virtudes; d'aqui a transformal-o n'uma escola de nautica e cosmographia pouco distou, e como consequencia, vem a creação de um observatorio!

Algumas exclamações innocentes, desculpaveis em Azurara, serviram de thema para sobre ellas se comporem phantasias brilhantes.

O infante, dizem alguns, depois do descercio de Ceuta (1418), outros, depois da tomada (1415), fundou uma villa no cabo de Sagres, e ahi reúne uma assembleia de homens importantes de toda a parte, navegadores experimentados, sabios, cosmographos, mathematicos para o auxiliarem nas suas tentativas; averiguando as coisas com criterio, apenas se acha que mandára vir de Malhorca o celebre Jacome, para aperfeiçoar os maritimos na construcção das Cartas, e aproveitou os serviços de alguns estrangeiros, peritos na navegação, como Luiz de Ca da-Mosta, e Antonio de Nolie, ou Antoniotto Usodamare, e outros aventureiros, que pelas relações de Portugal com os diversos paizes do norte e do Mediterraneo, tinham noticia das navegações dos portuguezes, mas isto já nos últimos annos da vida do infante.

Deixando porém á conta da imaginação dos nossos escriptores tudo o que elles tem dito de fantastico, sem attentarem em que o infante, pelos seus cargos de governador da ordem de Christo, e algum tempo da d' Sanct'ago, de Fronteiro da comarca da Beira, de protector da Universidade, tinha que achar-se em varios pontos do paiz, passando, de certo algum anno ou annos, sem ir ao Algarve, limitamo-nos ao assumpto da nossa epigrapha.

É certo que o infante D. Henrique fundou uma villa no extremo occidental do Algarve, mas quando e onde, é o que tem sido confundido e adulterado. Nem Azurara nem Barros mencionam o anno. O primeiro, no seu estylo difuso e declamatorio, e que foi o primitivo ponto de partida de todos os mais, não auctorisa, com a sua relação, o que depois se tem dito. Ao fechar o capitulo V da *Chronica de Guiné* diz o seguinte:

«E porque fiz começo d'este capitulo em filhamento de cidade (Ceuta) quero delle fazer fim naquella honrada villa que este principe mandou fazer ao cabo de S. Vicente, alli onde se combatem amboos mares, scilicet, o grande mar Oceano, com o mar medioterrano. E das perfeições desta villa nom posso muito fallar, porque ao tempo da feitura deste livro em ella nom havia soamente (se não) os muros, que eram de boa forteza e algumas poucas de casas... E pero que a dita villa chamassem alguins outros nomes, eu creio que o seu proprio, segundo a tenção d'aquelle que a mandou fundar, era que se chamasse a *Villa do Infante*, e elle mesmo assy a nomeava em suas palavras e escriptos».

D'esta passagem de Azurara, posto que no fim, pouco decisiva, tiram-se os seguintes factos:

- 1.º Que a villa era ao cabo de S. Vicente.
- 2.º Que ao tempo da feitura da chronica (1552 a 53) tinha apenas os muros e poucas casas.
- 3.º Que o infante lhe chamava e queria que se chamasse Villa do Infante.

Não devemos esquecer que Azurara na sua obra nunca falla em Sagres.

Barros, posto que siga Azurara, no cap. 2.º do liv. 1.º da 1.ª Decada diz: «estando em hua villa que novamente fundára no Reyno do Algarve na angra de Sagres». Era já influencia do tempo.

Pouca difficuldade ficou nos que se seguiram a Barros, supprimir a angra e dizer: *fundou uma villa em Sagres*; tanto mais que a falta de respeito e veneração que em todos os tempos se tem notado em Portugal, por tudo o que é digno de eterna memoria tinha em poucos annos feito esquecer o nome de *Villa do Infante* e talvez o sitio, para em logar d'esse nome elevar o de Sagres.

Comtudo Fr. Francisco Brandão na 6.ª parte da *Monarch. Lusit. Liv. XVIII* mostrou ter tido conhecimento dos documentos, que deviam ter guiado todos os historiadores, e cita com verdade o nome da villa, o sitio do seu assento, e o fim para que foi fundada.

Eis as palavras de Brandão: «O Infante Dom

Henrique, principal auctor das navegações e conquistas deste reino... na *Villa* que fundou no Algarve, no logar chamado *Terça nabal* a que deu o nome *Villa do Infante*, edificou a igreja de Santa Catharina, em particular, para que os morreantes que alli morressem, fossem enterrados no cemiterio della».

Brandão mostra-se mais correcto que Barros, o qual diz que o Infante «lhe poz nome *Terça nabal*, e ora se chama *Villa do Infante*», o que não é exacto, pois nem no tempo de Barros, nem talvez sessenta ou setenta annos antes existia já o nome de *Villa do Infante*, se não nos documentos e escriptos da epocha d'aquelle principe.

Portanto nos seculos xv, xvi, e xvii, trez historiadores do maior credito disseram, n'um intervallo quasi periodico, (1453, 1557, 1762) de cem em cem annos, on le era a *villa do infante*. No seculo xviii e principios do corrente tudo se baralhou, e a par com muita investigação e estudo, a fantazia derrama-se em estylo e creações novas, propagando-se erros sobre erros.

Quando Silva Lopes publicou a *Corographia do Algarve*, em 1840, ainda seguiu o influxo da ultima corrente, mas dando á luz, quatro annos depois, a *Relação da derrota naval... dos cruzados que partiram do Escalda para a Terra Santa em 1189*, rectifica o seu erro e restabelece a verdade dos factos, em vista das observações que lhe fizera F. A. de Warnhagen.

Na enumeração que o *cruzado*, autor da *Relação* fizera dos castellos e logares da costa do Algarve encontrara elle mencionado um sitio *Carphanabal*, de certo nome já alterado, como muitos outros, o que lhe sugeriu a seguinte observação:

«A similitude de *Carphanabal* com *Terça nabal* nos induz a crer que esse castello era no sitio, onde o inclito infante D. Henrique fundou depois a sua celebre *Villa* nova do infante na angra de Sagres» e não achando fundamento á explicação deste nome dada por D. Francisco Manoel na *Epanaphora 3.ª*, continua: «visto que na mesma carta em que este magnanimo principe dá a espiritalidade dessa villa á Ordem de Christo, de que era Governador, feita aos 19 de setembro de 1460, declara elle ter fundado esta sua villa «no outro Cabo, que antes do dito cabo de Sagres está aos que vem do ponente para levante que se chama *terça nabal*».

Era portanto necessario proceder a algumas pesquisas e indagações para provar a veracidade destes factos, o que fez Silva Lopes, como nos diz nos seguintes periodos:

«Desta carta se vê que já antes da fundação da villa existia o nome de *Terça nabal* dado ao cabo, hoje chamado *ponta do Belixe*... a E do cabo de S. Vicente.

«Por este sitio, e principalmente na enseada que formam as pontas de Sagres e da Atalhia que fica pouco a E da do Belixe, se tem encontrado alicerces de alguns edificios e de dois fornos de telha, e entre elles os de uma igreja, que ha tradição ser dedicada a *Santa Catharina*, cujo nome ainda conserva a terra onde se encontram estas ruinas: ainda no anno de 1839 se encontraram alli trez caveiras e alguns ossos humanos em uma escavação que se fez.»

Isto mesmo me é confirmado pelo sr. tenente Oliveira, d'infanteria 15, que teve a bondade de responder a algumas perguntas que a este respeito lhe dirigi.

Pois apesar desta demonstração dada por Silva Lopes, apoiada n'um documento que logo apresentaremos, o sabio Major na sua *Vida do Infante D. Henrique*, não fez caso do que o prestante corographo do Algarve dissera.

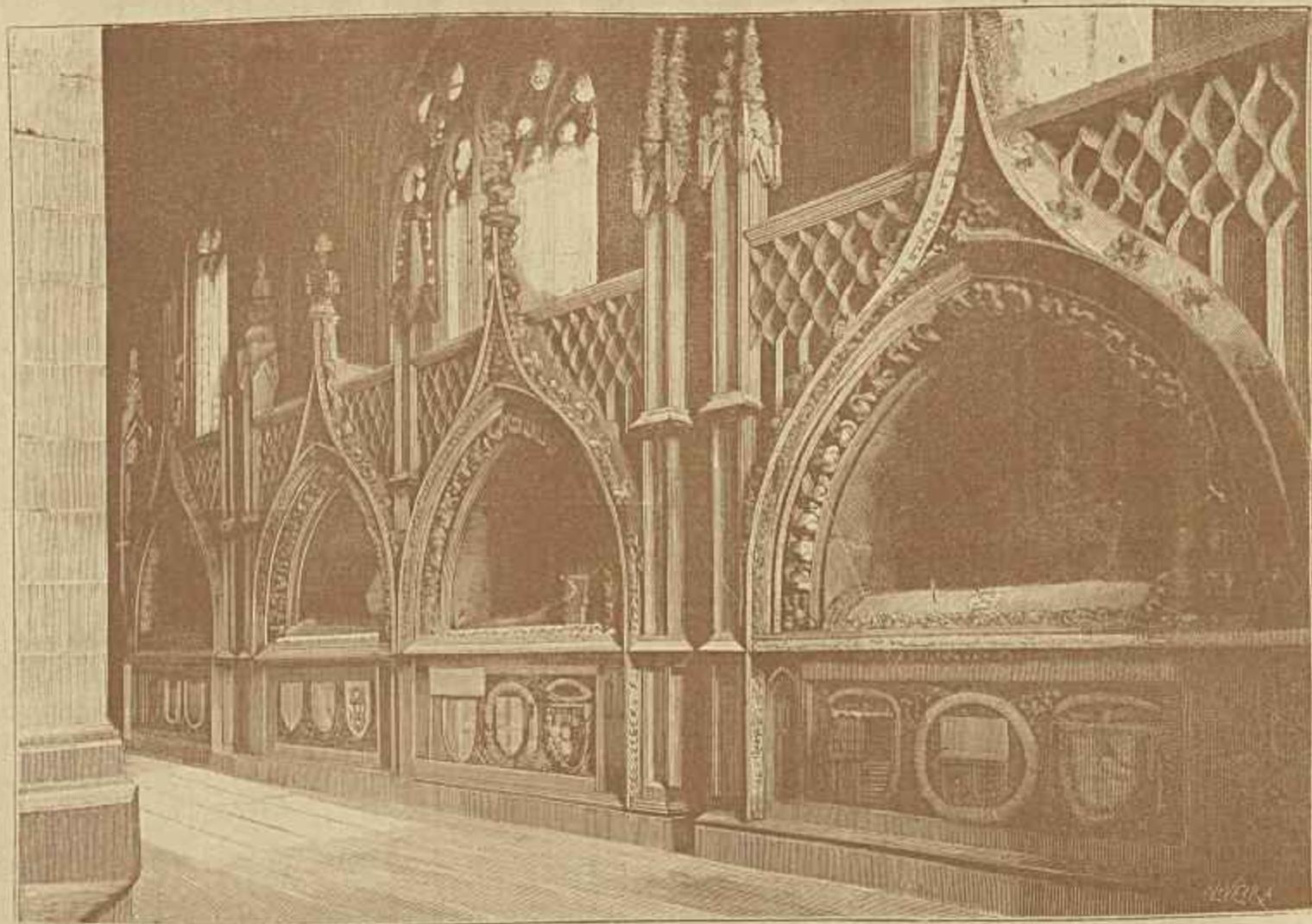
Deu logar, o que parecia ser descuido, a uma contenda entre Varnhagen e o sabio inglez, que, apesar da expressa declaração do Infante de haver fundado a *Villa «no outro cabo que está antes do Cabo de Sagres, a quem vem do ponente»* terminára dizendo que isto queria dizer o *Cabo de Sagres*, e que tinha convencido todos os seus amigos menos o sr. Varnhagen. Pode ver-se este pleito corographico no *Jornal do Commercio* n.º 4381, 4467, 4482, 4520 e 4523 de 1868.

Felizmente para mim, e para a exactidão historica, no curso das minhas investigações, além do documento citado por Silva Lopes, pude encontrar outro que, logo veremos, vem corroborar as indicações do illustre algarvio.

Eis o documento publicado por Silva Lopes e Varnhagen:

Carta da Villa do Infante

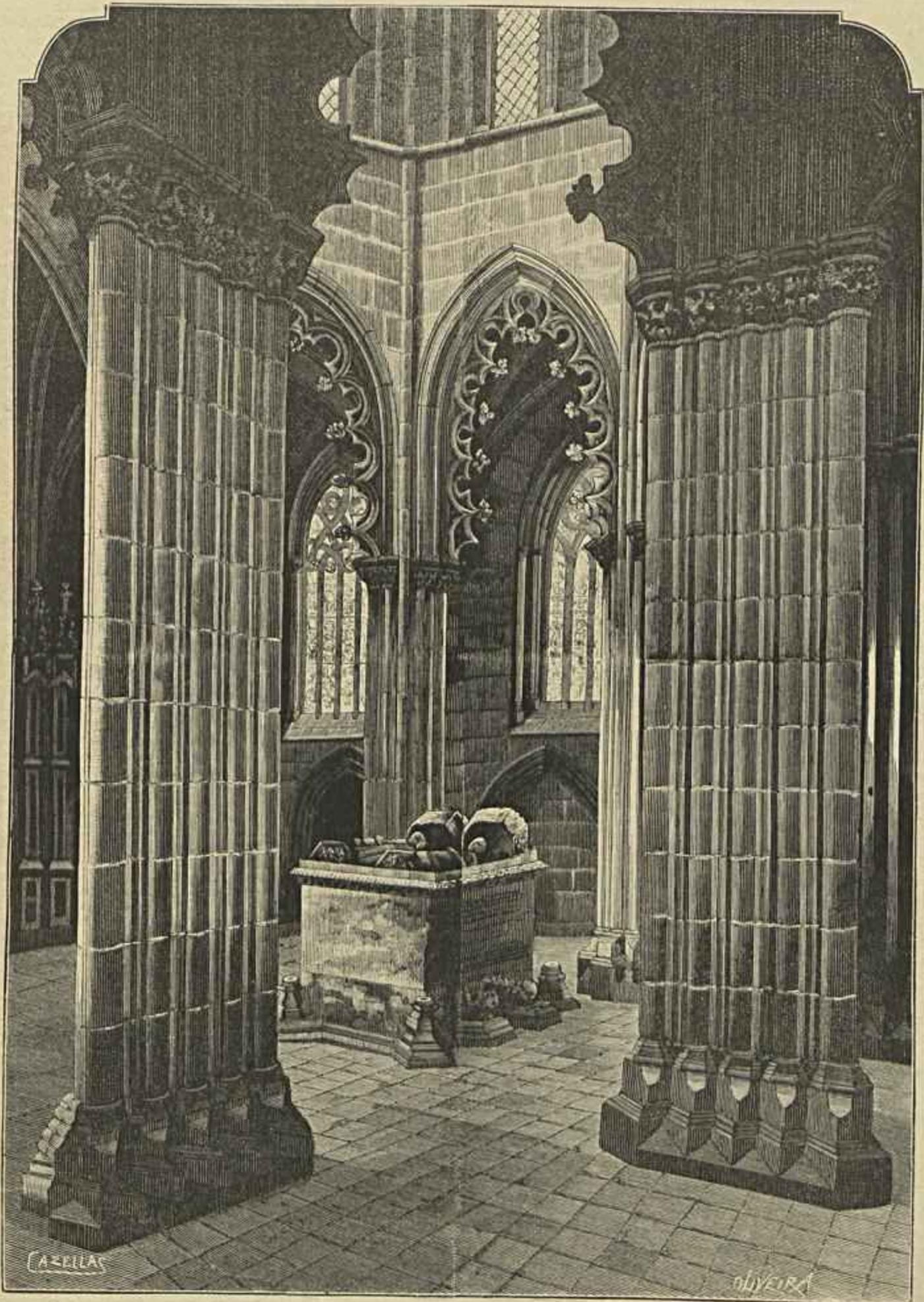
Eu o Infante dom anrique Regedor e governador da horden da caualaria de noosso Senhor Jhu xº (Jesus Christo), duque de uisen e Senhor de couilha faço saber aos que esta minha carta virem que esguar-



TUMULO DO INFANTE D. HENRIQUE, NO CONVENTO DA BATALHA

SEGURO DO LADO DREITO

F. Costa de uma photographia do sr. Carrasco



TUMULO DE D. JOÃO I E D. FILIPPA DE LENCASTRE, PAIS DO INFANTE D. HENRIQUE,
NO CONVENTO DA BATALHA

(Cópia de uma photographia do sr. Rocchini)

dito lugar ou lugares resaluando pera nos as dizimas de todallas cousas que vierem de fora do regno que se tirarem per mar ou per terra do dito lugar ou lugares pera nosos regnos. As quaes queremos que logo ali sejam recebidas per nosos almoxarifes e que dem certos recados pera aqueles lugares a que vão como ja pagaram a dizima e que lhe não seja mais demandada por que nosa mercee hee como a la pagarem não a pagem em outra parte. E mais nos praz das cousas que trouxerem para o dito lugar pera despesa dos moradores delle que nom page em nehãa dizima e ainda que hi descargem algũs naujos com mercadorias nom pagem dizima e as posam leuar seus donos pera honde lhes apronger saluãte se dhi forem tiradas per mar ou per terra pera os ditos nosos regnos como dito he e indo pera fora das regnos que nom pagem nada. E eso mesmo nos praz polo bem e poboraçam do dito lugar que os que hi morarem sejam escusados e liberdados segundo sã escusados os da alcaçoua de lixboa resaluando os encargos que lhe o dito infante quiser dar por seruiço de deus e noso e de nosos Regnos e prol delles. E que esto não faça prejuizo a nosos preuilegios por que queremos que todo seja factosy como elle hordenar e de toda cousa que sem (se em) hi vender ajamos nosas sisas recadadas per nosos officiaes segundo se faz nos outros lugares de nosos Regnos. E nos praz que o dito infante aja toda a jurdiçam do dito lugar ou lugares e todolos outros direitos resaluando pera nos a correiçam e a mor alçada segundo se faz no dito lugar de coullhãa e nas outras suas terras e as dizimas e sisas segundo dito he, e que sejam recadadas per nosos officiaes per a gisa suso dita e per çertidam dello lhe mandamos dar esta nosa carta selada com o noso selo de chumbo dante em leira xxbj (27) dias d'outubro per autoridade do senhor infante dom pedro Regente & Ruy Vaaz a fez ano do señor de mill iij^o lxiij^a (1443).

Arch. da Torre do Tombo, Liv. 24 de D. Afonso V. f. 61.

Deste documento extrahem-se os seguintes topos.

- 1.^o — o infante resolve fundar uma villa em 1443.
- 2.^o — a villa é fundada no cabo de *Traz falmenar*.
- 3.^o — esta villa é no dito Cabo e ten, por termo uma legoa ao redor.

Aparece-nos pois aqui uma designação do Cabo que serve de centro da villa: *Traz falmenar*. Este nome é evidentemente corrupção de uma designação arábica — talvez *traz da almenara* ou coisa semelhante. *Almenara*, como se sabe é o facho ou lume que o vigia, *atalaia* acende para fazer signaes. E parece segundo Silva Lopes ser a ponta do Beliche, ou o pontal gordo. E como o termo da villa é marcado em uma legoa ao redor, (não deve esquecer que as leguas não são de 5 kilometros) a ponta de Sagres, parece ficar incluída no termo da villa.

Tomando como centro a ponta do forte do Belixe, ou o chamado hoje *pontal gordo* chegaria o termo pelo norte a uma pequena enseada, por leste ao terreno da charneca pertencente ao estado, pelo sueste a outra enseada.

É, porém, como se vê em 1443 e no fim do anno, que fica auctorizado o infante a edificar a villa, e devemos suppor que só no anno seguinte lhe poderia dar começo. Dez annos depois, como vimos das palavras de Azurara, a villa tinha apenas os muros e poucas casas. Não é nada de admirar. Uma villa não se cria de um momento para outro, principalmente em sitio aspero de ventos, deserto, longe de outras povoações, e sendo as mais proximas insignificantes. Reunir operarios, materiaes, prover a cultura nos arredores, para occorrer á manutenção dos novos colonos, tudo é importante e difficil, nomeadamente em taes tempos, vista alem disso a imperfeição e difficuldade das communicações. As empresas anteriores já tinham obrigado o infante a contrahir dividas, a que teve de dar penhores, e, por melhor vontade que tivesse, muitas difficuldades haviam de entorpecer os seus largos planos. O infante não residia, nem podia residir em tal sitio; quando muito iria alli uma vez, passar algum dia em qualquer casa que mandasse para esse fim edificar, afinar de animar os novos povoadores. É porisso que até 1457, apenas se encontra um documento datado da *sua villa*, sem se poder afirmar se escapou na copia o nome de qualquer das suas villas onde fosse passado, ou se realmente foi feito n'aquella nova villa. O que parece positivo é que residia de preferencia na Raposeira, ou porque ali tivesse comprado alguns bens, ou na casa de algum reuengueiro.

Alguns documentos encontramos passados n'aquelle lugar em diversas epochas; é na Raposeira

que Ca-da-Mosto se avista com o infante, e que se resolve a não continuar a sua viagem para Flandres, e ir antes á Africa com os navegadores do infante. Provavelmente a amenidade do sitio e a distancia media a que ficava da nova villa e de Lagos o determinavam a isso. Ca-da-Mosto chamando lugar á Villa do Cabo diz que o infante residia d'alli a alguma distancia d'aquelle sitio em uma villa da Raposeira, onde, por estar afastada do tumulto das gentes, e adaptada á concentração dos seus estudos, residia de boa vontade. Ainda alli se conservam algumas ruinas de casa importante proximas á ermida de N. S. de Guadalupe, e ha uma figueira chamada do infante, a cuja sombra — diz a tradição — costumava assentar-se o grande homem, segundo me informa o Rev. Prior, e meu amigo sr. Carrilho. Portanto quando João de Barros nos diz, falando das tentativas para o descobrimento do Cabo de Bojador: Porque estando em... Villa do infante, hum dia, em se levantando, sem precederem mais coisas que as diligencias que fazia para ter informação das terras, mandou com tanta diligencia, armar dous navios que foram os primeiros, como se n'aquella noite lhe fora dito que sem mais dilação, nem inquirição do que perguntava, mandasse descobrir, — não foi o infante, mas Barros quem sonhou. Por que o tal oraculo divino, que o grande escriptor suppõe, era tão esquivo e remisso que «os navios que d'aquella vez e doutra foram e vieram,» não conseguiram o que o infante desejava; e a Villa que Barros julgava edificada, só começou a selo muitos annos depois.

Mas a instabilidade das coisas humanas, ou antes a negligencia e pouca veneração que entre nós se tem dado e quasi tudo que respeita aos grandes homens e aos grandes feitos, honra e gloria da nação, foi causa de que em pouco tempo não só a fundação do infante, mas até a sua vontade e disposições fossem esquecidas.

Não tardou muito que o nome de *Villa do Infante* fosse apagado. Seu sobrinho e herdeiro, el-rei D. Afonso V, que devia ser o primeiro a prestar todo o respeito ás creações, disposições, e pedidos do infante, foi tambem o primeiro a olvidarse do nome da villa, e entregando tudo em mãos alheias, sem ter em esse assumpto mais que o cuidado de receber alguns rendimentos, deixou que tudo cahisse em abandono.

Havendo lhe o infante pedido, e elle empenhado nisso a sua palavra e fé real, que a Villa de Lagos, nunca deixasse de ser da coroa, pelos serviços que della havia recebido, esqueceu logo a promessa, e ainda as cinzas do infante estavam tepidas, já a doava a seu irmão D. Fernando; foi mister que este fallecesse, para que o povo da villa lhe recordasse a sua promessa, e o rei confessando que faltara a ella, jurasse cumpril a d'alli para o futuro.

Os seguintes documentos mostram não só que um anno depois da morte do infante a villa conservava o seu nome, mas tambem que nos documentos officiaes o nome de Sagres não era mencionado, e que sempre que se fallava da *Villa do Infante* se indicava a sua situação junto ao cabo de S. Vicente.

Dom Afonso & A quantos esta carta uirem fazemos saber que afonseanes criado do yfante (*dom anrique*) meu tio que deos aja nosso almoxarife na uilla do Cabo de sam uicente nos disse como o dito meu tio lhe tinha dado hum pedaço de terra acerqua da dita uilla que podera leuar atee quinze milheiros de uinha. A qual parte desconta o leuante com charnequa e com o rodeiro do catellam. E da parte da traueissia com a terra de martinhanes, terreiro. E da parte do aguam per honde esteueram as colmeas. E da parte do uendual com a charnequa pedindonos que lha outorgassemos segundo lha o yfante tinha outorgada. E uisto (*per*) nos seu requerimento e querendolhe fazer graça e mercee Teemos por bem e fazemoshe della doaçam pera sempre pera elle e pera todos seus herdeiros e successores que depois delle uierem com todas suas entradas e saidas Rendas e direitos que a ella deireitamente pertecerem per qualquer guisa. E porem mandamos ao nosso contador do dito regno do algarue e a todolos nossos officiaes e pessoas que o conhecimento desto pertencer e esta nosa carta for mostrada que metam o dito afonseanes em posse da dita terra e lhe leixem teer e auer lograr e pessuir a elle e a seus herdeiros e fazer della o que lhe aprouer como de sua cousa propria sem lhe poerem sobre ello nem huãa duuida nem embargo algum por que assi he nosa mercee. E o dito contador faça registrar esta nosa carta em o liuro dos nossos propios pera se saber como lhe esto theemos outorgado. E o dito afonseanes (*a*) tenha pera sua guarda. dada em torres nouas xiiij (13) dias de nouembro gonçalo cardoso affez anno de nosso senhor ihu xpõ de mil e iij^o lxi. (1401).

Arch. da T. do T. L.^o 3^o Guad^o f. 76^o

Dom affonso etc. A quantos esta carta uirem fazemos saber que confiando nos da bomdade e descriçom de rruy diaz Jaques caualleiro do iffante dom anrique meu tio que deos aja e querendolhe fazer graça e mercee Teemos por bem e damollo por alçayde de villa noua do dito iffante que he ao cabo de sam uicente. Outrossy queremos que aja de nos de rremda em cada huã anno pera soportamiento de sua vida todallos fornos e fornallias que atee ora sam feitos e sse fezerem em a nosa villa de lagos e a rremda e aforamento delles que agora rremdem e depois rremdem assy e pella guisa que os atee ora teue do dito meu tio per sua carta. E porem mandamos ao prouedor da nosa fazenda e ao contador do dito regno e lamcarote¹ nosso almoxarife que ora he em a dita villa e a quaes quer outros almoxarifes rrecededores e escpriaões que depois elle vierem e a outros officiaes e pessoas a que o conhecimento desto pertencer e esta nosa carta for mostrada que lhe leixem teer e auer os ditos fornos e lhos leixem arremdar por quanto lhe aprouer e a quem elle quizer e a elle acudam com o rremda delles em cada huã anno e a outra algũa pessoa nam. E per esta carta mandamos a ellos ditos rremdeyros e foreyros que nom conheçam outro alguã per almoxarite nem recebedor delles saluo o dito rruy diaz a que delles fazemos mercee em sua vida e delle cobrem conhecimento das ditas pagas que lhe fezerem em cada huã anno pera as suas guardas e o escprium do dito almoxarifado rregiste esta carta em seu liuro pera sse saber como o dito rruy diaz esto de nos tem e todo viir a boa rrecadaçam. Dada em a nosa cidade deuora xxbj (26) dias de dezembro gonçallo pirez a fez anno de nosso señor ihu xpõ de mil e iij^o lxi (1401)

L.^o 6.^o de Guadiana f. 213.

Resta-nos considerar um ponto. Como foi que em pouco tempo a Villa perdeu o nome de Villa do Infante e passou a designar-se *Sagres*?

Pela morte do infante tudo devia mudar de feição no Algarve. O centro das operações maritimas que até ali fora em Lagos, passou naturalmente para Lisboa.

A propria Lagos, villa antiga, que no tempo do infante era minguada de povoação e de recursos, e que em virtude das suas empresas se via accrescentada em gente e riquezas, tambem decahiu, a ponto de, alguns annos depois, se queixar de que a nova villa lhe causava prejuizo á população.

A villa do infante, pouco povoada, de poucas casas, pois apenas tinha vinte e oito que pagavam fóro a el-rei, em um sitio pouco productivo, devia decahir. Sem as caravellas do infante e a sua presença e dos seus homens, ficava exposta ás incursões dos corsarios de todas as raças que iam infestando os mares. Naturalmente alguma ou algumas incursões, imprimiram receio ao pequeno povo, e feito o castello de Sagres, em sitio mais forte, acolheram-se a elle. As igrejas, talvez ainda rudimentares, cahiram, e nem sequer dentro do castello havia capella. Tudo isto conjecturamos do que diz D. Manoel, (em 1519) que pelos inconvenientes dos corsarios se resolve a edificar uma igreja em Sagres, e onstituindo a em freguezia, desannexando-a da da aldea do Bispo. Se no auge do nosso poder maritimo eram de temer n'aquelle ponto afastado as descidas dos piratas, o que não seria quarenta ou cincoenta annos antes? Lembremo nos que já o bispo D. Fernando Coutinho achara a ermida de Valle Santo de novo usurpada, trinta ou quarenta annos depois da morte do infante e poderemos fazer idéa do que aconteceria em tudo o mais.

O infante só nos ultimos mezes da sua vida, se recolheu á sua nova villa para fazer testamento e mais disposições finaes.

Parece-me pois ficar demonstrado: que a *Villa do Infante* não é o que depois se chamou *villa* e hoje praça de Sagres; — que o seu assento era no *cabo de Traz Falmenar* ponta gorda ou no Beliche; que na angra limitada pelas duas pontas, ou cabos, era o local conhecido no tempo do infante pela designação de *Terça Nabal*, seculos antes *Carpha nabal* e provavelmente o *porto d'Annibal* dos antigos; — que o infante não residia na villa e só accidentalmente ali ia, á excepção dos ultimos annos, e principalmente, dos ultimos mezes da sua existencia; — que não foi *Sagres* nem a propria *Villa do Infante* o centro das suas empresas, mas sim *Lagos*, como resulta de tudo o que se vê de Azurara, que nem uma vez falla em Sagres; — que a villa foi fundada unica e excl. sivamente para que as

¹ Deve ser Lançarote da Ilha.

guarnições dos navios, que, por causa dos levantados não podiam ir a Lagos ou seguir viagem, achassem recursos temporaes e espirituaes, onde até ahí se não encontravam, ficando insepultos, os que alli falleciam; que a villa perdeu a sua importancia, desde a morte do infante, pela mudança da sede e maneira das emprezas maritimas; que pouco tempo depois perdeu até o nome, e mais tarde quasi a memoria da sua situação; finalmente que a igreja de Sagres é fundação de D. Manoel e portanto não é nenhuma das que o infante havia erigido.

Silva Lopes acrescenta algumas particularidades com relação á imagem de Santa Catharina, que estando na capella do forte do Belixe, depois foi recolhida á igreja de Sagres, onde hoje existe bem conservada, segundo me informou o referido sr. Oliveira.

O desejo de restabelecer a verdade é o que nos tem guiado em nossos trabalhos; se acertámos em alguma coisa, satisfação é para o nosso coração; se errámos, desculpem-nos os que nos leem, mas levem-nos em conta, que, seguindo a divisa do grande infante, — cuja vida e acções temos a peito pôr em relevo, desembaraçando a dos sonhos que até tem dado ensejo a considerarem o mal, — apenas nos m'ive o — *talent de bien faire*.

J. J. de Brito Probelly

TUMULOS DE D. JOÃO I E DOS INFANTES,

No segundo arco está o mausoleo do infante D. Henrique, duque de Vizeu, senhor da Covilhã, governador da ordem de Christo, e illustre iniciador dos descobrimentos dos portuguezes. Avulta sobre a tampa a estatua do infante, vestido de armas brancas, e com uma touca ou tóta na cabeça.

Descansa esta sobre uma almofada, e debaixo de um baldaquino vasado, e aberto em rendas com delicados labores.

No friso resalta da pedra por entre a folhagem a letra do infante, em mão francez: *Talent bien fere*, com a qual exprimia o seu animo de bem fazer. Por baixo do friso lê se o seguinte epitaphio, gravado em letra allemã minuscula em uma só linha, a todo o comprimento do mausoleu:

Aqui jaz o muito alto e muito honrado senhor, o infante dom amrique governador da ordem da cavallaria de n.º . . om Joham e rainha filipa, que aqui fazem n'esta capella, cujas almas deos por sua merce aja, o qual se fnou em . . na era de mil e . .

A primeira lacuna que se acha na inscripção é resultado de falha na pedra. As letras que faltam deveriam ser: *so senhor Jesus Christo filho d'el-rei D. A outra lacuna attribue-a o cardeal patriarcha D. Francisco de S. Luiz, na sua citada memoria, a ser preparada a pedra e esculpida a inscripção em vida do infante, e a terem-se esquecido de gravar o dia, mez e anno, do fallecimento do principe, que succedeu a 3 de novembro de 1460.*

A face do tumulo é decorada tambem com tres escudos entre ramagens e fructos. O escudo do meio é o brazão d'armas do infante, egual ao de seu irmão, D. Pedro, menos na balança. O escudo da direita tem a cruz da ordem da cavallaria de Jesus Christo, de que o infante era mestre.

O escudo da esquerda ostenta a cruz, divisa, e letra da ordem da Jarreteira.

No meio da sumptuosa capella ergue-se o mausoleo do Fundador. Cercam n'ó as oito columnas que sustentam a cupula, deixando muito espaço livre entre si proprias e o tumulo. Tem este a forma de uma grande caixa inteiriça de marmore branco; dentro da qual estão encerrados os corpos d'el rei D. João I e da rainha D. Filippa, sua mulher.

Sobre o monumento avultam as estatuas dos soberanos, de vulto inteiro, deitadas. El-rei está armado. Com a mão esquerda aberta a espada, e com a direita trava da dextra da rainha. Esta tem um livro na mão esquerda. Ambos tem a fronte cingida com diadema. Descançam-lhes as cabeças em cima de almofadas, detraz das quaes se levantam como docéis dois formosos baldaquinos, todos abertos em rendas de variados feitos e delicados labores. Nas faces do lado de fóra mostram

os brazões d'armas d'el-rei e da rainha. O de D. João I tem as quinas reaes, assentadas sobre a cruz d'Aviz, e orladas com os castellos, e em cima a corôa real. O escudo de D. Filippa é bipartido, tendo de uma parte o brazão d'armas do marido, e da outra o seu proprio, que é esquartellado, com os leões em dois quartéis oppostos, e as flores de liz nos outros dois.

A esculptura das estatuas não é boa, entretanto, comparadas com as que possuímos executadas nos reinados anteriores, revelam importantes progressos n'este ramo d'arte. Os baldaquinos, porém, são primorosamente esculpidos, como é toda a obra de ornamentação do templo.

J. de Vilhena Barbosa.

RICARDO HENRIQUE MAJOR E O CENTENARIO DE D. HENRIQUE



Em 1888, quando visitei Bruxellas, de passagem para Inglaterra, por amavel intermedio do meu sympathico amigo, sr. barão de Sant'Anna, travei relações com um

distincto escriptor e antiquario belga, que teve a benevolencia de offerecer-me cartas de apresentação para alguns dos seus collegas, residentes em Londres, entrando n'este numero o sr. Richard Henry Major. Não me foi necessario fazer uso de taes cartas, embora de muito valor, pois, tanto no *British Museum* como no *Record Office*, onde me receberam com a maior confiança, facilitaram as minhas investigações, como era de esperar depois de haver sido recommendado pelo sr. Miguel d'Antas, que tão honrada e dignamente representava n'essa epocha o nosso paiz juncto do gabinete de St. James, e que tomou logo o mais desaffectedado interesse pelos meus estudos.

Lá estava no seu posto, que conquistou pela sua erudição e talento, o illustre conservador dos mappas e cartas do Museu Britannico, o auctor brilhante do preciosissimo livro *Life of Prince Henry of Portugal*.

Sobresahia no venerando ancião a natural affabilidade do seu trato a modestia propria do saber profundo, com que fallava dos principaes monumentos da nossa litteratura classica, nos quaes era summamente versado, e das tradições gloriosas da nação portugueza, exaltando-as e defendendo-as, como se fóra um de nossos irmãos mais dilectos. Amava-nos com todo o affecto da sua alma generosa e boa, e as provas que deixou d'essa amisade tão desinteressada e talvez mal correspondida, poderão servir-nos ainda de balsamo dulcificante para muitas de nossas amarguras, pois ninguem foi mais estrenuo e denodado campeão dos descobrimentos que fizemos, e das primazias, que nos pertencem nos serviços prestados á civilisação. Arrostando com os proprios conterraneos, alguns dos quaes propensos sempre a sacrificar a justiça, quando procuram cevar a sua avareza sordida, esmagou sob o peso implacavel de uma argumentação infle-

xivel todos aquelles, que pretendiam amesquinhar-nos e menosprezar os direitos dos navegadores portuguezes.

Hoje que tão festivamente se commemora o centenario do inclyto Infante, erigindo-se na cidade da Virgem um monumento de pedra á memoria do solitario de Sagres, justo é tambem n'esta solemnidade grandiosa, em que Portugal se eleva á altura da sua nobreza nunca desmentida, recordar o nome do homem que, antes de todos, consagrou á gloria de D. Henrique um monumento mais perduravel ainda.

O *Occidente* não podia olvidal-o; e por isso presta á memoria de Major a sua homenagem modesta, mas sincera. Todos lh'a devemos, e bem mais avantajada a merecia o douto escriptor, que fez da sua penna um escudo impenetravel, com que cobrio Portugal contra os golpes traiçoeiros da inveja e da calumnia.

Como é grato ao meu coração de portuguez pensar, que a minha patria no meio das duras provações, por que está passando, parece querer levantar-se do abatimento, em que a prostraram, e que o centenario do Infante D. Henrique pôde ser o incentivo da sua regeneração!

Sel'o-ha?

Estamos por ventura todos nós resolidos a conspirar, desde hoje, para a debellação dos males que nos affligem? Cuidaremos de subtrahir-nos á funesta influencia dos vicios, que enervam a nossa raça, a quem a Providencia prodigalisou tão singulares dotes de intelligencia e de energia?

Porque não havemos de unir-nos todos no mesmo pensamento de provar ao mundo que sabemos estimar e guardar o melhor patrimonio, que de nossos maiores herdámos, — a religião e a honra, que foram o mais solido alicerce, em que firmámos a nossa nacionalidade? E nós somos crentes; mas a fé sem acções, que a testemunhem, é uma fé morta. Somos honrados, mas parece que preferimos não passar por taes!

Oxalá que o centenario do Infante seja não só o pagamento de uma divida sagrada, mas o primeiro passo no caminho da seriedade, que todos necessitamos de trilhar, para que Portugal reivindique o direito que tem á consideração e respeito das outras nações!

Oxalá que a entusiastica festa ponha ponto em nossos desvarios; acalme as paixões que nos trazem divididos; purifique esta atmosphera de insanias em que temos respirado; revigore as amortecidas virtudes civicas que foram o mais bello timbre com que marcámos a nobreza de nossos feitos; apague de nosso espirito a vergonhosa indifferença, em que caiu; e faça renascer no paiz o senso moral de que tanto carece, para se salvar dos perigos que o ameaçam.

Lepyrino Brandão

¹ Do bello livro *Monumentos de Portugal*, de Vilhena Barbosa, transcrevemos este artigo, primorosa descripção do monumento da Batalha.

CHRONICA OCCIDENTAL



semana decorrida sobre a nossa ultima chronica foi uma semana de festas, mas d'as festas excepcionalmente notaveis e significativas, como raras de nosso tempo tem havido, festas que, rememorando um dos periodos mais aureos da historia portugueza e representando o pagamento d'uma divida sagrada aos heroes assignalados

«que da occidental para
Luzitana
por mares nunca d'antes
navegados

foram edificar entre gente remota «novos reinos que tanto sublimaram», tem o seu lugar marcado entre essas festas commemorações nacionaes, que glorificando o passado são honra do presente e que na nossa terra foram iniciadas d'uma maneira tão nova e tão brilhante pelo tri-centenario de Camões.

Ha quatorze annos foi Lisboa que, com uma solemnidade unica nos fastos da nossa historia, se vestiu de galas para celebrar o anniversario do mais glorioso dos seus filhos, o immortal cantor dos *Luziadas*, agora foi o Porto que, com um brilho desusado, commemorou o quinto centenario do nascimento do mais famoso dos seus patricios — o infante D. Henrique, o conquistador de Ceuta, o sabio de Sagres, o inventor do nosso imperio ultramarino, como lhe chama Oliveira Martins.

E hoje, como ha quatorze annos, não foi uma cidade que festejou uma das suas glorias, porque estas festas não são d'uma cidade, nem d'uma corporação, nem d'uma classe social, foi o paiz inteiro com todas as suas forças vitales, que festejou os seus heroes.

Em homenagem a essa festa profundamente nacional, o OCCIDENTE consagra todo o seu numero de hoje ao infante D. Henrique, ao iniciador da pagina mais grandiosa e mais brilhante da historia portugueza, a pagina dos Descobrimentos; e nós consagramos, portanto, toda a nossa chronica, as festas com que durante oito dias o paiz solemnizou esse centenario glorioso, festas que no proximo numero serão mais minuciosamente descriptas pelo distincto collaborador do OCCIDENTE no Porto, o nosso presado collega Manuel Maria Rodrigues

A familia real partiu para o Porto na quinta feira 1. do corrente, n'um comboyo expresso que sahiu da estação do Rocio ás 8 horas da manhã.

N'esse comboyo, além de suas Magestades El-Rei D. Carlos, a rainha a sr.^a D. Amelia, suas altezas o Principe Real e o infante D. Manuel, acompanhados pelos seus ajudantes, camaristas, damas de honor e aias, seguiram para o Porto os srs. Presidente do conselho de ministros, ministros do Reino, da Marinha e das Obras publicas, e os representantes dos jornaes de Lisboa.

O comboyo real chegou ás 4 horas e meia da tarde ao Porto, á estação de Campanhã, onde era esperado na gare por enorme multidão.

Suas Magestades depois de receberem os cumprimentos do estylo seguiram para o Paço da Torre da Marca, perto do Palacio de Crystal, vulgarmente conhecido por *Paço das Carrancas*, sendo acompanhados por 133 carruagens, 21 *sportmen* a cavallo, e por um esquadrão de cavallaria da guarda municipal e de cavallaria 10.

Pelas ruas do transito os reis foram muito victoriados e das janellas, quasi todas adornadas com vistosas colchas, foram lançadas muitas flores sobre a carruagem real.

Chegados ao paço, onde esperava suas Mage-

stades a Camara Municipal, El-Rei e a Rainha agradeceram da janella a recepção brilhante que o povo lhes fizera.

No dia 2 houve no Paço recepção em grande gala, recepção a que concorreu a officialidade da canhoneira ingleza *Bellona*, que foi expressamente ao Porto para assistir as festas do centenario.

Finda a recepção a familia real foi ao Palacio de Crystal assistir á inauguração da Exposição Colonial, indo em seguida El-Rei presenciar a partida de *foot-ball*, que se realizou no Campo Inglez entre os membros da colonia ingleza do Porto e os socios do Club Lisbonense, que ficaram vencedores.

A' noite houve no paço jantar de 93 talheres, a que assistiram a camara municipal, a commissão do centenario, a direcção do Palacio de crystal, auctoridades civis e militares, brindando El Rei á cidade do Porto e respondendo lhe o sr. conselheiro Costa e Almeida, presidente da camara, brindando á familia Real.

A' noite houve illuminações nas ruas principaes, sendo de esplendido effeito a da Torre dos Clerigos e as da rua de Santo Antonio.

que a primitiva casa foi demolida, El-Rei descerrou a lapide commemorativa que ali foi agora collocada. No campo da Regeneração realizou-se a apothecose ao infante, executando-se com grande exito o hymno do Infante D. Henrique, escripto expressamente pelo sr. Alfredo Keil.

N'essa noite houve sarau no salão nobre da Associação Commercial, sendo conferente Pinheiro Chagas. O discurso do eminente orador causou entusiasmo enorme, sendo Pinheiro Chagas muito victoriado por todos os assistentes e muito em especial por Suas Magestades.

No domingo 4, El-Rei e a Rainha assistiram ás corridas de velocipede, e ao cortejo fluvial que foi brilhante, realisando se em seguida a cerimonia do lançamento da pedra, vinda de Sagres, no local destinado ao monumento na Praça do Infante D. Henrique. A' noite houve espectáculo de gala no theatro de S. João cantando-se a *Hebrea* pela companhia do theatro de S. Carlos, que foi ali dar tres recitas. Findo o espectáculo suas magestades foram assistir ao fogo d'artificio.

Na segunda feira houve de manhã exercicios de bombeiros municipaes, com a assistencia de Suas Magestades.

A rainha a sr.^a D. Amelia visitou n'esse dia a creche de S. Francisco de Paula, e assistiu na companhia d'El Rei á sessão solemne na sala da Bibliotheca. A' tarde Suas Magestades foram inaugurar a Exposição Agricola em Villa Nova de Gaya. A' noite houve o baile no club portuense a que assistiram Suas Magestades.

No dia 6 Suas Magestades estiveram nas corridas do club velocipedista do Porto, e á noite assistiram ao banquete de 163 talheres, offerecido pela camara municipal do Porto, sendo levantados entusiasticos brindes a El Rei á Rainha e a toda a familia real.

Findo o jantar ás 11 horas da noite, Suas Magestades foram ao paço mudar de futo e partiram em seguida para Campanhã, onde os aguardava o comboyo que os devia conduzir a Lisboa.

No dia 7 de manhã, ás 10 e meia, chegaram Suas Magestades a Lisboa, á Estação do Rocio, onde eram esperados pelo resto do ministerio, cõrte, altos dignatarios e muitas outras pessoas que ali foram cumprimentar os illustres soberanos.

— Eis contados rapidamente, os principaes festejos com que o Porto solemnizou o centenario Henriquino, festejos de que, como já dissemos o OCCIDENTE dará proximamente mais minuciosa e detalhada conta aos seus leitores.

Em Faro e em Angra tambem se festejou o centenario do Infante e em Londres a Sociedade de Geographia realizou no dia 6 um banquete e sessão solemne, presidido pelo duque de York, filho primogenito do principe de Galles, em commemoração do centenario. O duque de York enviou a El-Rei D. Carlos o seguinte telegramma:

«Estou assistindo a uma sessão da Real Sociedade de Geographia, para commemorar o 3.^o centenario do nascimento do principe D. Henrique o *Navegador*, e d'aqui eu e a Sociedade de Geographia enviamos cordeaes e sympathicas congratulações a Vossa Magestade e a nação Portugueza.»

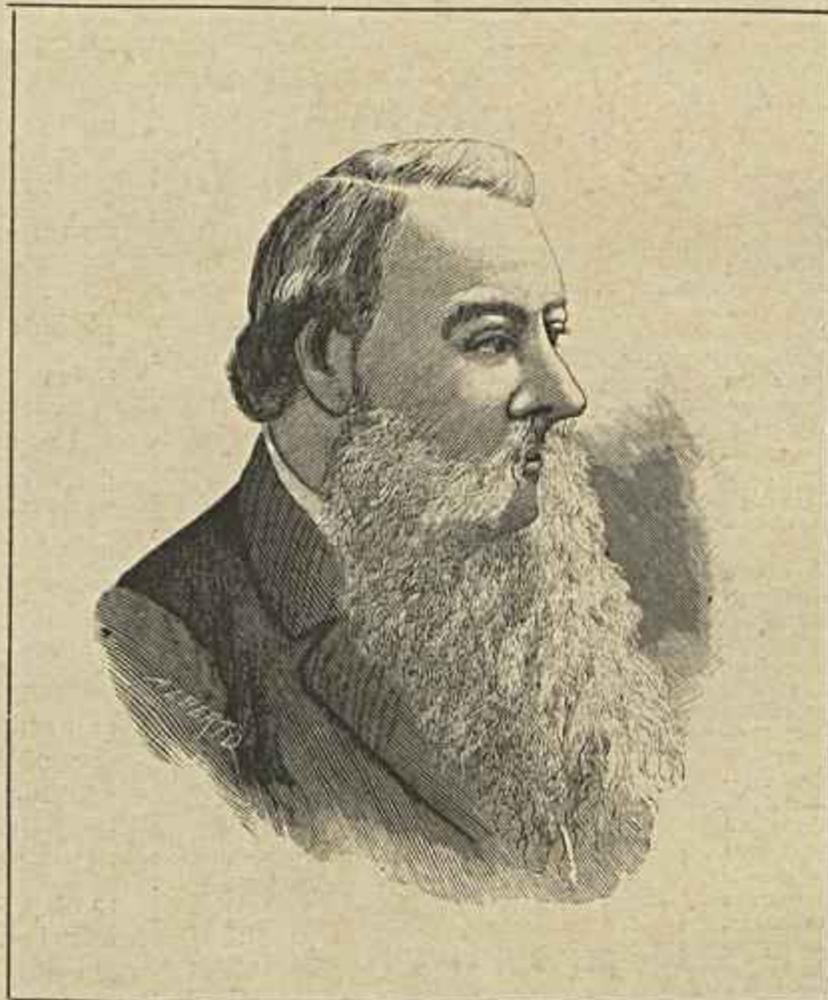
El Rei D. Carlos respondeu tambem em telegramma, que foi lido no meio de calorosas acclamações:

«Peço accete os meus cordeaes agradecimentos e transmita á Real Sociedade de Geographia, que me é em extremo agradavel ter conhecimento da importante manifestação feita ao heroe portuguez que, abriu a Africa e a India ao mundo moderno. Em nome de Portugal queiram todos accetar os nossos sinceros agradecimentos.»

José de S. Paulo

AVISO

Este numero, custa 200 réis. avulso.



RICARDO HENRIQUE MAJOR

HISTORIALOR DO INFANTE D. HENRIQUE

A affluencia de forasteiros ao Porto era já enorme n'essa noite, e as praças publicas estiveram toda a noite cheias de gente, que dormia ali, á *belle étoile* porque não encontrava onde se alojar.

No dia 3 realizou-se o cortejo civico, um dos *clous* da festa.

O cortejo era enorme e dizem que tinha mais d'um kilometro de extensão. Organizou-se na Cordoaria, em volta do jardim e seguiu pelas ruas dos Carmelitas, dos Clerigos, Praça de D. Pedro, ruas de Sá da Bandeira, Formosa, de Santa Catharina, de Santo Antonio, Praça de S. Bento, Rua das Flores, Largo de S. Domingos, rua Ferreira Borges, Praça do Infante D. Henrique, onde se vae erigir o monumento, rua do Infante, de S. João, Mousinho da Silveira, Almada e Campo da regeneração.

Todas estas ruas estavam profusa e elegantemente ornamentadas. No cortejo figuravam 11 carros allegoricos, carro da Cidade, da Agricultura, do Commercio, do Atheneu, da Industria, das Colonias, da Beneficencia, do Gymnasio Laurét, das Bellas Artes, da Marinha e dos Telegraphos.

Ao chegar o estandarte da cidade do Porto, que figurava no prestito, em frente da casa onde nasceu o infante ou antes a casa edificada no local onde era essa casa, pois ha mais de 300 annos